



O TECEDOR
E SUA TRAMA

Francisco Carvalho

O TECEDOR DE POESIA

Caio Porfírio Carneiro

Aproximei-me da poesia de Francisco Carvalho desde quando me caiu às mãos, ao acaso, o Cristal da Memória, seu livro de estória. Desde que me veio depois Canção atrás da Esfinge, o segundo livro. Desde todos os outros que se seguiram. Uma aproximação quase atávica, que a poesia desse poeta me calou fundo n'alma, porejou-me de surpresas, espantos, inconfessados sustos.

A poesia de Francisco Carvalho, ao correr do tempo e ao suceder dos livros, evoluiu e amadureceu, naturalmente, mas guardou e resguardou sua essencialidade mágica e filosófica, rítmica e sonora, voltada, em abrangência quase assustadora, às precariedades da vida e das coisas vivamente presente diante da morte.

Temos poucos, na moderna poesia brasileira, poetas que alcancem como este, a praticamente inalcançável alma sensível dos objetos familiares (integrados no dia-a-dia através das gerações), dos animais no pastoreio ou das ruas, da vida comovida da natureza e dos eternos mitos.

Sua poesia, toda ela é a um tempo misteriosa, reveladora, sutil, aflitiva sem ser desesperante, objetiva denunciadora, terna e humaníssima. Tantas qualidades qualificam pouco qualquer de suas criações poéticas, até as mais próximas do epigrama. Por que ele se vale de uma inesgotável riqueza metafórica personalíssima, ao fluir de aparentes versos simples, onde os símbolos transitam com grande leveza e se transmudam, continuamente, em achados poéticos inesperados e de explosiva beleza. A morte com toda a sua carga de grandeza, está muito presen-

te, não para a negação da vida, mas para aceitá-la como mais um mistério da própria vida; a água, vez por outra a água, surge como contraponto e advertência à fragilidade de tudo, caminho para a solidão universalizada e não a que se busca ou a que se sente.

Francisco Carvalho procura, em sutil disfarce, em voleios de ciranda e balada decifrar os porquês de tudo. Que os porquês de qualquer coisa são múltiplos. Extrai de um pote, simples pote, um universo imenso (quase diria avassalador) de verdades surpreendentes, que dão dimensão humaníssima e eterna a objeto tão modesto, lá no seu canto. O poeta disfarça porque caminha, com facilidade espantosa, para a mitologia e a fábula, para alcançar ponto de chegada completamente diverso. O poeta registra e flagra o efêmero, o passageiro, buscando (e alcança) eternizá-lo. O campo, o vento ou a aurora, não cirandam aqui como borboletas soltas. São gotas que se ampliam no verso, na poesia, em dimensão cósmica.

O Tecedor e sua Trama provam tudo isto. Através do título, talvez nascido da inconsciência criadora, o poeta revela duas de suas armas poderosas: a trama delicada, latente, em cada poema, e o verso bem tecido para deslindar a trama. Que há uma trama subjacente, uma história não contada, todo um discurso profundo para além do poema; que há um tecedor que tece o verso em mágica levitação, em pureza inconsútil, em sonoridade sedutora.

É a memória e seu passado, é o presente e suas dores sociais, é a natureza e seus mistérios, é o homem e suas fragilidades, é a vida e é a morte.

Autor de mais de dez livros de poesia da melhor qualidade, Francisco Carvalho ainda é um autor desconhecido no Brasil. Talvez por nunca ter saído de Fortaleza. Ou por não freqüentar os jornais e a televisão. Ou por não ter um editor como J. Olympio.

No entanto, os que o leram proclamam o grande valor de sua poesia. Há quem o coloque ao lado dos poetas maiores da Língua Portuguesa. Em 1982 teve reconhecido o mérito de sua arte, ao ser premiado em 1o. lugar na Bienal Nestlé de Literatura o livro *Quadrante Solar*. Mesmo assim, Francisco Carvalho não se tornou um nome conhecido nacionalmente.

Um dos mais importantes livros do poeta cearense é, sem dúvida, Barca dos Sentidos, editado em 1989 pela Universidade Federal do Ceará. Trata-se de um livro portentoso, além de englobar mais de duzentos poemas divididos em cinco livros.

Francisco Carvalho é um poeta que demonstra conhecer profundamente todas as técnicas, regras da arte poética. E por ser conhecedor dela é que não hesita em ser moderno, sem deixar de abrir novos caminhos a partir das rotas abertas pelos grandes poetas. Isto é, não dá ouvidos àqueles que preconizam a morte do verso e, por consequência, dos diversos tipos de poemas tradicionalmente conhecidos, como o soneto.

Nilto Maciel — Brasília

JOÃO
SCORTECCI
EDITORA

O TECEDOR
E SUA TRAMA

Francisco Carvalho

O TECEDOR E SUA TRAMA

As cores vivas do Rio
Maciel, tecelão de be-
llos tramas e peças mais,
as melhores e melhores
humerales

Francisco
29/11/91

JOÃO
SCORTECCI
EDITORA

1992

JOÃO
SCORETECCI
EDITORA

Rua Teodoro Sampaio, 1704 - Loja 16 - Pinheiros
CEP 05406 - São Paulo - SP - Tel.: (011) 210 1179

JS 1145 - Janeiro de 1992 - 1a. edição
Copyright - Francisco de Oliveira Carvalho

ARTE-FINAL DA CAPA: Patrícia Estillac Leal
COMPOSIÇÃO: Benedito José de Souza Junior
MONTAGEM: Paola Borba Mariz de Oliveira
IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Gráfica Scortecci

À imperecível memória de
Jorge Luis Borges,
o pastor do Tâmis.

Sou como um burro de usina,
que todo dia trabalha...
Quando estranha o cambiteiro,
vai pegar cana na palha,
rebola a carga no chão,
fica rasgando a cangalha.

Severino Pinto

Eu sou pai de quatro filhos
que a natureza me deu:
todo dia são cinco pães,
cada um agarra o seu.
O que sobra a mulher come,
quem sai perdendo sou eu.

Manuel Chudu

Há, entre o homem e o tempo,
contradições bem fatais:
o tempo faz e não diz,
o homem diz e não faz,
o homem traz e não leva,
o tempo leva e não traz.

João Benedito

Terra que a matuta veste
uma blusa transparente...
Se debruça na janela,
esperando o pretendente:
deixando o cheiro do seio
na madeira do batente.

Pedro Bandeira

SUMÁRIO

Canção do pote	11
Versos provisórios	15
Ode circular	16
Avião	19
Dor essencial/Vigília	20
Poema ao feitiço de agosto/Pequena elegia urbana	21
Cálice	22
As árvores	23
A alma soterrada de minha mãe	24
Canção da tarde/Canção Déléfica	25
Explicação do poema/Poema em forma de trívio	26
Sósia de sísifo	27
Bucolismo	28
Minueto da água	29
O tecedor e sua trama	30
Contei os dias	31
Sedução	32
O rinoceronte	33
Crônica de um cão	34
Lição do eclesiastes	36
Invocação da aurora	37
Semeador/Epigrama grego	38
Lucros e perdas	39
Inventário da solidão	40
Os sinos	41
A casa	42
Esfinge latina	43
Amor tenebroso	44
Canção de jandira	45
Cântico do obstinado	46
Canção provisória	47
Ritual	49
Canção da chuva	50
Promulgação do ser no barro	51
Cumplicidade/Juízo final	52
Roteiro de minas	53

Poema do renegado	54
Ilusão/Banquete	55
Parábola de sangue	56
Sei que existo	57
Pecado e êxtase	58
Os filhos do húmus	59
Velhos armários	60
Olhos adivinhos/Hiena fotogênica	61
Os sapatos	62
A ceia	63
Canção para uma sombra	64
Os filhos da terra	65
Opus 57	66
Elegia do poço	67
Aniversário	68
Cântico da terra/Receita ecológica	69
Noturno alegórico/Pomba da paz	70
Poema causal	71
Balada para Chico Mendes	72
Rosa e pedra/Canção para lembrar Hiroxima	74
Se eu fosse para a ilha	75
Cântico da ilha	76
Conjugação da rosa	77
Utopia	78
Caminhada	79
Simulacro de poema/Arvore	80
Monólogo da terra/Monólogo da água	81
Monólogo do vento/Monólogo do fogo	82
Cântico para uma noite de temporal	83
Filosofia de Terêncio/Poder	85
Terceiro mundo/A bicicleta	86
Anatomia da casa	87
Mundo dos outros	88
Tudo é falível	89
Poema assimétrico	90
Imensidade/Trama	91
Cantiga do boto/Poema aos gritos	92
Epitáfio à procura dum homem/Nudez	93
Ressurreição	94
Rosto	95
Cântico epistolar	96

CANÇÃO DO POTE

I

O pote, rio encarcerado, é um devorador de luas e de lesmas. As rãs procriam junto dos potes comem detritos de paz e coágulos de estrelas. O pote é esférico, o espaço esférico, a alma esférica a solidão esférica. O espírito poroso do pote passeia pela casa sua placenta cravejada de vagalumes. O canto áspero das rãs acorda o rio latente na memória do pote. A alma atávica do pote trespassada pela reminiscência dos dias. O pote conduz os passos do morto para a sua eternidade cíclica. O suor do pote escorre sub-repticiamente das órbitas de Deus.

II

A luz do pote trespassa as retinas da escuridão o húmus do pote viceja nas folhas da treva. Girinos e gerânios governados pelo magnetismo das âncoras do pote. O suor do morto e o suor do pote celebram os ritos da água e as núpcias da síntese. Enquanto se cumpre a cópula do pote a lua dos escorpiões desmorona no céu. Girinos e gerânios decapitados pelas hélices de cristal da respiração do pote. O pote retoma o seu canto patético. Canto de pássaro esvaído na aurora.

III

O pote é o pórtico do pântano.
O coração do pote, pilastra da primeira parábola.
Anuros de retina limosa depositaram sua perplexidade
à sombra das âncoras do pote. O pote, sensualidade
atávica, pêndulo e palpitação dos orgasmos da noite.
A respiração do pote mistura-se à respiração
das ravinas. O odor de chuva dos potes
reverdece a memória das vigas da casa.
A respiração dos potes ressuscita os mortos.

IV

O pote e as potências da água
o pote e o vento que dele sopra
o pote e o seu âmbito cravejado de luas
o pote e o seu devaneio de objeto perpendicular à nuvem
o pote que não recolheu as espigas de Booz
o pote jogado ao ombro de Sísifo
o pote subindo em espiral ao vértice do seio
o pote libertando as formas do incriado
o pote e o seu diáfano planeta especular
o pote e o seu desaguar em reminiscências eróticas.

V

O pote é um rio de nostalgia e húmus
A infância do homem passa pela antiguidade do pote
a respiração do pote refaz as hierarquias do arco-íris.
O pote ensinou ao homem os ritos da sedução.
A sensualidade do pote e a sensualidade da mulher.
As ancas da fêmea e as ancas do barro.
O oleiro que fez a mulher e o oleiro que fez o pote
não eram certamente aprendizes de mágico.

VI

Adolescentes bolinam o pote, como se o pote
não ardesse também às chamas do purgatório.
O odor do pote induz ao cio, alastra-se pelo corpo
e as messes do êxtase. Ao desaguar em mar nenhum
o pote descreve uma parábola circular.
O pote e o seu reino de conchas.
Água convertida em vinho.
Mistério e sensualidade.

VII

O pote à sombra do incriado
o pote à luz das estrelas que não chegaram a brilhar
o pote sob as pálpebras de Penélope
o pote semelhante ao feitio do primeiro alaúde de Homero
o pote onde a água era o vinho das bodas
o pote reduzido a cinzas por algum deus sacrílego.

VIII

O pote parece um pêssego
parece um pântano primordial
parece o primeiro poema do povo primitivo
parece um pícaro pronto para o palco
parece um pensamento pré-histórico
parece um pêndulo parado no portal de pedra do paraíso.

IX

O pote acompanha a cavalgada das estações.
Os pássaros governados pelo magnetismo da bússola do pote.
O pote tem o mistério dos talismãs.
Parece o espírito que se evadiu dum ícone mutilado.
O pote é o centro poroso de um mundo
de que somos a alma provisória.
Todos vão com muita sede ao pote
mas será que voltarão saciados?

X

Esse pote de argila vem da infância
porejando ilusões pelo caminho.
Mas o pote é uma esfera que balança
no espaço. Uma parábola de vinho.

Um dia olhei o espelho tenebroso
e vi apenas o mistério insólito.
Um jardim de utopias e esse rosto
que era o meu rosto imberbe de fantoche.

Vi o amor se extinguir numa fogueira.
As constelações grandes e as pequenas
e os cavalos dos elfos a galope.

Ao contemplar a água prisioneira
vi o perfil de um deus. Mas era apenas
o rosto de meu pai dentro do pote.

VERSOS PROVISÓRIOS

De que céu sem memória
de que seio de mármore
de que noite de estrelas ancoradas
de que vertigem de espelhos
chega o espírito do vento
e nos penetra?

Império de cristal
o vento carrega os dias
e as noites, os homens e as coisas
e os mármore de negras veias
onde as almas ardem
ao fogo de todas as utopias.

Água imóvel: palpitação
de pássaros na pedra veloz.
O último reflexo do dia
escorre sobre as rãs
seus silêncios petrificados.

Sob o negro céu
constelado de utopias
edificamos reinos de cólera
que o vento despedaça.
Visceras podres.

ODE CIRCULAR

I

No maxilar do rei há restos de ouro
restos de prata, restos de marfim
e de palavras, pêssegos da ira.

No maxilar do rei dorme um tesouro.
Ao menestrel que o roube para mim
pagarei cem palácios de safira.

No maxilar do rei há signos raros
de um tempo sepultado no granito.
Signos cruéis das pompas de um monarca

que namorou medusas de olhos claros.
No maxilar do rei está escrito
que o mistério veloz não deixa marca.

II

A asa do mistério se aproxima
e atravessa os espelhos de cristal.
Os velozes cavalos das infantas

chegam da aurora aos pastos desta rima.
As palavras da esfinge não são tantas
mas em cada segredo arde um fanal.

Falo de um deus que morre e permanece
íntegro, no seu corpo e em sua essência.
O carrossel do tempo volta à origem

dos seios decifrados sobre a messe.
—Tudo é sação para a nossa indigência
frutificar nos cimos da vertigem.

III

O suor dos cavalos ainda espreita
os olhos seduzidos das ravinas.
E o reluzir das esporas de cristal

incendeia o horizonte que se estreita.
O sol dos mortos crava-me as retinas
e a solidão é a ponta de um punhal.

O extermínio dos anjos começou
quando raiava o tempo da utopia
sobre a infância dispersa dos heróis.

Na hora em que o prodígio alça seu vôo
e o suor dos cavalos nos carpia
um novo reino ardia em nossa voz.

IV

Águas do mar em noite clamorosa.
Águas do Ródano, águas compassivas
do Tâmis, águas daquele outro rio

suspica quanto os olhos da raposa.
Águas do espanto ardendo nas ogivas
das catedrais. Águas de caule esguio

para a veloz diáspora do Ganges.
Águas dos Andes, águas dos hindus
descendo pelos ombros do Himalaia.

Ó águas suspiradas pelos anjos
das trevas e pelos anjos da luz
quando os elfos do mar dançam na praia.

V

Quando os elfos do mar dançam na praia
e as espumas parecem pedrarias
de um manto soterrado pelas águas.

Quando a manhã sacode a sua alfaia
e o dia evoca a pompa de outros dias
e a alma se semeia de outras mágoas.

Quando o sol roça a anca da colina
e o fulgor que da terra se levanta
funde as duas metades do hemisfério.

Quando o sonho começa e já termina
e a palavra, evadida da garganta
já não celebra o amor nem seu mistério.

AVIÃO

Sensação de flutuar no vazio
entre dragões de fogo.
Sensação de vencer o anjo da morte
num duelo de ouro e prata.
Sensação de atravessar a porta do paraíso
montado no alazão de Deus.

Sobes o último degrau
da escada de fogo de Jacó.
Tua origem se dissolve
em poeira e vento no páramo.
E te embriagas com o abismo
e a música das esferas.

Vertigens brancas
e velocidades inertes.
O começo e o fim do tempo
apodrecem em tumbas de cristal.
O silêncio crava na alma
o punhal do zênite.

DOR ESSENCIAL

O que dói não é a mentira
vertida em nosso cálice
e que nos dão a beber como se fosse vinho.
Não é a certeza do pânico
à hora de morrer, nem a solidão
que lentamente mina o corpo
e a alma desse pântano.
O que dói é sentir.
Sentir que nos esvaímos em água
foragida, em música
de barro e sonolento perfil.
O que dói é ver os olhos da pátria
morrendo à míngua.

VIGÍLIA

No meio da noite escuto
o rumor dos objetos domésticos
respingando solidão
no corpo da casa.
Escuto vozes
palpitações de asas agressivas.
Escuto o cântico da água
nas veias das paredes.
Escuto os passos do morto
na sala deserta
e o vento despetalando rosas irreais.
Escuto todos os ruídos da casa
inclusive a tua memória.

POEMA AO FEITIÇO DE AGOSTO

Agosto às portas
com seu pêlo ruivo de tigre
seu hálito de relva
seu puro devaneio.
Flechas e dardos e asas
que palpitam, vozes
e nuvens lilases.
Os verdes lagartos nas pedras
o aroma indomável
de espuma, maresia e onda.
Agosto às portas do poema e de mim.

PEQUENA ELEGIA URBANA

Andar pela cidade à escuta da solidão coletiva.
Andar como um rosto anônimo entre cães
de almas ulceradas e fulgurantes moscas.
Andar pela cidade com os olhos cravados
na própria sombra. Andar com as mãos
vazias e o coração vazio. A alma vazia.
Andar pela cidade com o impulso viril
de morrer na primeira esquina
desta servidão sem lua.

CÁLICE

Nada farei para remover o cisco
no olho dos cínicos.
A realidade é uma deusa feroz
a que não devo sucumbir.
As folhas do outono não cessam de cair
sobre covardes e heróis.
Não moverei uma palha para acender
uma vela na tumba dos cínicos.
Continuarei sendo o que sou
o que chegou tarde demais para o enterro
o que foi expulso da ceia
o que sujou de vômito a toalha de linho.
Continuarei fiel à chama desse acorde.
Até que o cálice transborde.

AS ÁRVORES

Estas árvores são calmas
do raiar ao fim do dia.
Não leram Platão nem Sócrates
nem sabem filosofia.

Palpitam no espaço eterno
cheias de viço e beleza.
Não leram Platão nem Sócrates
são sábias por natureza.

Ouçõ a alma destas árvores
palpitando nas raízes.
Não leram Platão nem Sócrates
e por isso são felizes.

Deusas do tempo e do espaço
da noite e da tempestade.
Árvores são catedrais
suspensas da eternidade.

À ALMA SOTERRADA DE MINHA MÃE

Um tigre em chamas passeia na esfera solar.
Minha avó atravessa a porta do zênite
montada num cavalo de areia
que se derrete ao sol.

Meu pai bebe café
no pórtico da tumba do faraó.
Depois apaga a candeia, acende o cachimbo
de argila e volta a dormir.

Tomo a nuvem pelo braço
e saio perguntando às casas da aldeia
onde fica o cemitério dos gnomos
e a pedra encantada do adeus.

Azul de metal fundido.
Estes espinhos da reminiscência
são rosas para a alma soterrada de minha mãe.

CANÇÃO DA TARDE

A tarde é tão leve
como se tanta beleza
fosse de seda.

A tarde é tão súbita
que o horizonte estremece
dentro da alma.

A tarde é tão mística
que o repicar dos sinos
convida a partir.

A tarde é tão pálida
que os olhos dos homens
pedem para morrer.

CANÇÃO DÉLFICA

O sol dos deuses brilhou.
Tudo palpita e se alegra.
A noite já não nos roça
com a ponta da asa negra.

Meu coração bebe o sol
derramado nos caminhos.
E embriaga-se da paz
que verte dos verdes vinhos.

Com a mesma irreverência
dos deuses e dos meninos
o sol passeia na tumba
dos justos e dos cretinos.

EXPLICAÇÃO DO POEMA

O poema é a minha alçaprema
a minha alavanca
o meu teorema.

O poema é meu dilema
a minha chave secreta
o meu diadema.

O poema é o meu sistema
de não perder no jogo da vida.
O meu enfisema.

O poema é a fala suprema
do meu coração.
O âmago da gema.

POEMA EM FORMA DE TRÍVIO

A sombra deste pássaro me corta
com seu gume de treva, seu arcano
seu mistério acendido na retina.

Sombra estendida sobre a escura porta
cravada nas entranhas do oceano
onde o espanto começa e não termina.

Sombra esguia ondulando mastro acima
sol de albatroz raiando sobre o mar
me leva para a infância de onde veio

o menino encantado numa rima.
Sombra onde acaba o escuro lumiar
e começa o infinito devaneio.

SÓSIA DE SÍSIFO

Não sou ninguém. Apenas uma sombra
que rasteja entre sombras e não conhece as frias
latitudes onde o abismo nos pastoreia.
Sou um fragmento de barro que flutua nas escórias
de um pântano. Sou igual ao mendigo que perdeu
as migalhas de pão disputadas aos cachorros.
Ando pelas ruas e sou insultado pelos
outros mendigos. Os vagabundos me deploram.
Talvez ignorem que sou aquele que foi expulso
do paraíso, e que adormeceu debaixo das vinhas
para se embriagar do silêncio de Deus.

O peso dos astros desaba sobre a minha cabeça.
Carrego nos ombros a maldição de Sísifo.
Acordo todos os dias para agarrar com as mãos
o labirinto do sol. Mas o sol é um deus esquivo
que incendeia a eternidade e a hierarquia dos anjos.
Tudo o que existe me pertence e nada me pertence.
Sei que a qualquer momento o vínculo será rompido
como um pedaço de linho podre. Sei que o homem
é esse pedaço de linho podre que se esfacela
e só se recupera nas mãos de Deus.
Toda grandeza é ínfima se comparada à imensidade
da alma. Mas a alma é um rubi que se extraviou
no fundo do mar, nas entranhas dos peixes.
Nada poderei fazer se não encontro a chave do reino
se não posso entrar no recinto dos passos violados.

BUCOLISMO

Estas cabrinhas da Arcádia
que pastam lírios defronte
são as mesmas que baliram
nas odes de Anacreonte.

São as mesmas que pastaram
cardos na tumba de Nero
e que dão leite e coragem
aos argonautas de Homero.

Estas cabras tão serenas
com seus olhos de rubi
são as mesmas que passeiam
nos cânticos de Davi.

Estas cabras cor de zinco
banhadas de estranha luz
são as mesmas que baliram
junto ao berço de Jesus.

MINUETO DA ÁGUA

Sou o princípio de tudo.
Homens e deuses nasceram
do meu ventre de veludo.

Sou a gota primordial
onde a vida ergueu a cauda
e o sol cravou seu punhal.

Na rocha e no mineral
restos da minha placenta
lembram lascas de cristal.

Ergo a minha catedral
no cerne da transparência
e me converto em fanal.

Sou a espinha vertebral
das lanças que se partiram
na guerra do Santo Graal.

Meu reino de espuma e sal
começa nas profundezas
dos mares de Portugal.

O TECEDOR E SUA TRAMA

Enquanto os mágicos se divertem
com paradoxos e algarismos
vou imaginando um mundo plausível.

Enquanto rinocerontes de cimento armado
esmagam devaneios e mitologias
vou enfeitiçando palavras.

Enquanto o trapézio do acaso
balança sobre os nossos destinos
vou desafiando o linho das sensações.

Enquanto a esfinge não chega
pela maçaneta da porta
vou tecendo os fios da minha parábola.

Enquanto não formos trespassados
pela foice da síntese
vou ressuscitando em memória de mim.

CONTEI OS DIAS

Contei pacientemente os dias
à espera de tua chegada.
Contei as inumeráveis falas do vento
e as invisíveis sílabas da água.

Contei as hierarquias do céu
e as constelações das pedrarias do mar.
Contei as foices das searas
e o pólen da ceifa.

Contei a poeira das estradas
e as luas que se imolaram às núpcias dos pardais.
Contei os pássaros na relva
e os anjos trespassados de pólvora.

Contei pacientemente os dias
ó amada de cabelos acordados
à espera de que os teus olhos me navegassem.
Bússola da solidão.

SEDUÇÃO

Parecia um pesadelo
mas era verdade o que eu via.
Parecia um sortilégio
mas era esta chama que me consumia.
Parecia alucinação
mas era o teu pensamento que me seguia.
Parecia astúcia dum mágico
mas era esta beleza que me doía.
Parecia artimanha dum bruxo
mas era a tua ausência que me seduzia.

O RINOCERONTE

Passou um rinoceronte
alta noite em minha casa
comeu copos de cristal
terrinas de porcelana
bibelôs de terracota
trazidos de Portugal.

Comeu as flores dos jarros
e a prata dos castiçais
comeu cortinas e lâmpadas
e outros emblemas tribais
comeu o gelo do Freezer
e o brasão dos ancestrais.

Comeu até os fantasmas
e os seus cabelos de areia
as cadeiras de espaldar
e a mesa da grande ceia.
Comeu as fotografias
do morto que devaneia.

Comeu as cartas de amor
no bolso do paletó
comeu os discos de cera
que foram de minha avó.
Depois comeu o piano
como se fosse abricó.

Comeu toda a indumentária
e objetos de cortesia
e comeu um cebolão
dos tempos da Monarquia.
Comeu por fim a memória
do menino que dormia.

CRÔNICA DE UM CÃO

I

Vi certa vez um cão que me seguia
nas ruas devastadas pelo ódio.
Não sei se me zombava ou me atraía
para o centro da trama e do episódio.

À luz cruel de suas retinas foscas
talvez me achasse um sólido patife
mergulhado num pântano de moscas
e recendendo a molho de rosbife.

Ouvi dizer que o cão é de um cigano
gosta de ouvir boleros do Sinatra
e as canções do Valdick Soriano.

Um cão assim coberto de mazelas
já não celebra as pompas de uma alcatra
já não se amarra ao visgo das cadelas.

II

Pela solidão, pelo desalinho
pelo andar sinuoso como um rio
pelas marcas de sangue no focinho
o cão de que vos falo é um cão sombrio.

Às vezes ladra à própria transparência
às vezes dorme em nuvens de letargo
quando não róí as vértebras da essência.
O cão de que vos falo é um cão amargo.

Não sei se vem de Roma ou de Corinto.
Só sei que o cão me lembra os desgraçados
foragidos do eterno labirinto.

Pela aflição calada e pela calma
resignação dos olhos marejados
o cão de que vos falo há-de ter alma.

LIÇÃO DO ECLESIASTES

Homem algum é senhor do vento
para deter o vento
homem algum é senhor do fogo
para domar o fogo
homem algum é senhor da água
para dispor da água
homem algum é senhor da lua
para repartir a lua
homem algum é senhor do céu
para explodir o céu
homem algum é senhor do mar
para invadir o mar
homem algum é senhor do corpo
para esmagar o corpo
homem algum é senhor do homem
para explorar o homem
homem algum é senhor da morte
para afrontar a morte.

INVOCAÇÃO DA AURORA

Aurora esculpida em sangue
na cova rasa da plebe.
Aurora derramada no ar
verte sobre nós teu vinho odorífero.

Aurora dos homens pardacentos
e dos cães constelados de moscas.
Aurora das infâncias anônimas
e dos boêmios que se escoram nos raios da lua.

Aurora dos vesânicos
das prostitutas e dos cínicos.
Aurora dos que naufragaram na utopia
verte sobre nós teu gélido acalanto.

Aurora dos assassinos
dos cáptens e dos pederastas.
Dos que tripudiaram sobre a nossa esperança
e dos herdeiros do salário mínimo.

Aurora dos verdugos do espírito
e dos que se vestem a rigor
para a missa de sétimo dia
das ilusões proletárias.

Aurora de seios pontiagudos
cravados em nosso ventre.
Aurora de mamilos transbordantes
para a nossa fome indecorosa.

Aurora crucificada
no lenho profanado do signo.
Aurora dos sobreviventes de Hiroxima
verte sobre nós teu vinho odorífero.

SEMEADOR

Semeia o vento
como quem semeia
cevada e centeio.
Em cada esquina
do teu devaneio
semeia o vento.

Semeia o vento
na lauda indecifrada
do teu anseio.
Na terra esquecida
do espanto alheio
semeia o vento.

Semeia o vento
pelas madrugadas
do pastoreio.
Na concha do búzio
em forma de seio
semeia o vento.

EPIGRAMA GREGO

Teseu
o artesão
perdeu o tesão.

Teseu
herói do labirinto
venceu
o minotauro
mas ficou sem o pinto.

LUCROS E PERDAS

perdi a conta do tempo que se foi
perdi a conta dos sonhos que se esfumaram
perdi a conta dos caminhos que andei
perdi a conta dos olhos que me seduziram
perdi a conta dos campos que semeei
perdi a conta dos versos que escrevi
perdi a conta das contas que paguei
perdi a conta das mortes que morri
perdi a conta dos seios que afaguei
perdi a conta das portas que me fecharam
perdi a conta das lendas que ouvi
perdi a conta das porradas que levei
perdi a conta das luas que me enlouqueceram
perdi a conta das águas que me navegaram
perdi a conta dos mortos que enterrei.

INVENTÁRIO DA SOLIDÃO

Solidão do homem no mundo
solidão da água no pântano
solidão da lâmpada no pórtico
solidão da árvore no campo
solidão do sino na torre
solidão do peixe no aquário
solidão da rosa no túmulo
solidão do beijo na taça
solidão da aranha na teia
solidão da lágrima na face
solidão da alma no corpo
solidão da chuva no epitáfio
solidão do vinho na adega
solidão da faca na carne
solidão do pássaro no vôo
solidão do vento na escarpa
solidão da concha na angra
onde o teu seio ancorou.

OS SINOS

Este azul que de repente se torna violeta
palpitação de andorinhas e pombas
nupciais trespassadas de luz.
E a infinita solidão dos sinos repicando.

Talvez a beleza do firmamento em devaneio
talvez as nuvens e suas arcarias de cristal
esses pórticos de um reino em chamas.
E a infinita solidão dos sinos repicando.

Talvez a reminiscência das hierarquias do céu
talvez a proximidade da noite: crepúsculos
de morfina acariciando os meus olhos.
E a infinita solidão dos sinos repicando.

Talvez a tua memória e as ondas dos teus cabelos.
Talvez o vinho fulgurante do teu perfil
teu pescoço de cristal e os topázios de tua nuca.
E a infinita solidão dos sinos repicando.

A CASA

Enquanto durmo, a casa
permanece acordada
seus duzentos olhos
fitando a eternidade.

Enquanto durmo, a casa
inteira se decompõe.
O cupim derruba as portas
essas arcadas de água.

Enquanto durmo, a casa
se enche de fantasmas.
As paredes racham
lívida argamassa.

Enquanto durmo, a casa
segue os meus passos
as vigas estremecem
de súbito pânico.

Enquanto durmo, a casa
vai-se evaporando
em solidão e odor
reminiscência e pólen.

Enquanto durmo, a casa
lembra-se do morto.
As paredes fendem-se
com o ímpeto do sangue.

ESFINGE LATINA

Testemunho a fala dos mortos
e a memória dos que foram traídos.
Testemunho o vento na soleira da porta
onde apunhalaram o teu sangue.

Testemunho o silêncio das catedrais
e a fome indecorosa da África.
Testemunho as sete faces da morte
voltadas para a esfinge latina.

Testemunho a insígnia mutilada
no santuário e o crepúsculo das pombas.
Testemunho os rios sendo engolidos
pelos dragões da dinastia atômica.

Testemunho a agonia da infância
assassinada às portas do paraíso.
Testemunho a esperança dos aflitos
enchendo o céu com seu fogo indômito.

Testemunho os obuses da cólera
explodindo dentro de minha retina.
Testemunho as sete faces da morte
voltadas para a esfinge latina.

AMOR TENEBROSO

Amor tenebroso
punhal que se ama
fogo feito água
água feito chama.

Amor que se disfarça
pêssego na rama
o gume desta faca
o fio dessa trama.

Amor que move os astros
e a bússola da cama.
Fogo feito água
sangue feito chama.

Amor que sempre volta
à fonte de onde mana.
Fogo feito carne
carne feito chama.

CANÇÃO DE JANDIRA

Jandira mar da Judéia
Jandira clarão dos mastros
Jandira noite ancorada
Jandira vaso chinês.

Jandira concha esquecida
Jandira cinza dos mortos
Jandira portal do gozo
Jandira flauta de Pã.

Jandira dor dos marujos
Jandira incauta nudez
Jandira praias do sexo
Jandira carne de Deus.

Jandira porto do sono
Jandira cio do rei
Jandira espuma da origem
Jandira te escolherei.

Jandira enigma do mundo
Jandira flor das marés
Jandira esfinge abolida
Jandira reino dos céus.

Jandira de porcelana
Jandira de terracota
Jandira intacta em Gomorra
Jandira paz de ninguém.

Jandira na primavera
Jandira a primeira vez
Jandira todos os dias
Jandira te escolherei.

CÂNTICO DO OBSTINADO

Continuaremos a plantar
nossa esperança
na terra árida desta liberdade sem raízes.

Continuaremos a tecer o linho da cólera
e a vestir essa túnica
de solidão e índigo.

Continuaremos de pé
trespassados pela flecha da metáfora
a construir esse muro de pedra e sangue.

Continuaremos a arder.
Mas não renunciaremos à busca
da nova face do homem.

CANÇÃO PROVISÓRIA

Algarismos de fogo
relâmpagos automáticos
iluminarão os nossos
cadáveres tecnológicos.

Nada vale o homem
reduzido à mitologia
de um minúsculo painel
de signos eletrônicos.

Renúncia ao devaneio
de imaginar que descendes
de alguma hierarquia
de solidão e pecado.

Arderás ao galope
de um cavalo orbital.
—A palavra e a metáfora
são fezes atômicas.

Tua existência inteira
tua memória atávica
até mesmo o sigilo
da intimidade aflita.

O passado e o presente
o futuro hipotético
teus desejos mais puros
tuas nódoas mais íntimas.

Os mitos indecifrados
do teu corpo, a alvenaria
da infância soterrada
num cemitério quântico.

A dor dos teus poemas
tuas metáforas de vidro
serão projetadas num
campo neutro de algarismos.

Teus movimentos cósmicos
serão carbonizados
pela chama azulada
—labareda da síntese.

O invisível cardume
dos impulsos da carne
será reduzido ao fel
da combustão póstuma.

RITUAL

Vi um boi morrer.
O olhar do boi boiava numa luz gelada.
As grandes órbitas vazias
de paisagem, de latitudes pastoris.

Vi um boi morrer
em meio à paradoxal alegria dos homens.
Pedacos fumegantes do boi
voltaram a protestar.

Vi um boi morrer.
Vi um boi fluir até à exaustão.
Na terra irrigada de sangue
só crescem girassóis.

CANÇÃO DA CHUVA

A chuva é uma canção
de frias harpas de água.
Esta noite negros cavalos
galoparão rumo do mar.

A chuva é alguma voz
da alma soterrada.
Ó chuva, apaga os meus olhos
consumidos pelo adeus.

A chuva é uma canção
harpa de cordas vãs
palpitando em nosso corpo
subindo por nossas mãos.

A chuva é uma canção
de cordas de cristal.
A face da minha mãe
seu dédalo e seu dedal.

PROMULGAÇÃO DO SER NO BARRO

Barro temperado
pela chama esguia
desse olhar de vinho
que me seduzia.

Barro de onde o sangue
da madre escorria
moldando esse rosto
que há tempo eu não via.

Barro trespassado
pela serventia
do azeite e da lâmpada
que no escuro ardia.

Barro antigo e novo
que do chão se erguia
para urdir a teia
da nossa agonia.

CUMPLICIDADE

Não serei cúmplice
da foice veloz
que ceifa a esperança dos homens.

Não serei cúmplice da solidão
dos que foram sepultados
de olhos abertos.

Não serei cúmplice do vento
que semeia cólera
sobre os filhos de Caim.

Não serei cúmplice da palavra.
Serei cúmplice do mistério da vida.

JUÍZO FINAL

Quando chegar a hora da verdade
o silêncio te queimará na sua chama.
A hora da verdade cairá sobre nós
seu fulgor e seu gume de foice metafísica.

A hora da verdade chegará pela porta
mais veloz do que um vento de lepra e cólera.
A hora da verdade chegará repentina.
Pássaro ofuscado pelo clarão do vôo.

ROTEIRO DE MINAS

Quem me guardará
do olhar e da voz
do profeta Amós?

Quem me salvará
do enigma de Vila Rica
dos sinos de Sabará?

Quem me salvará
desse punhal secreto
do luar de Ouro Preto?

Quem me unguirá
com essa água arcana
do Chafariz de Mariana?

Quem me guiará
de volta a São João del Rei
onde me espera a grei?

POEMA DO RENEGADO

As portas estão abertas
mas ninguém te convida a entrar no recinto
dos passos violados.

Os acontecimentos te esperam
mas não cabe ao poeta
desvendar as laudas da súplica.

Os acontecimentos te levam a passeio
pela galáxia orbital
aonde não chega o clamor dos mortos.
Na esquina da rua mais próxima
o espanto te odeia
e a coorte dos deserdados te saúda.

O visgo do amor já não escorre
da palma de nossas mãos.
O amor é um brasão de orvalho
em memória de nada.
—Os que te amavam foram degolados
pela foice do mito.

ILUSÃO

Tenho a ilusão de que sou guiado
pela bússola de Deus.
Morro a cada segundo e me fragmento em escórias
de luas soterradas num pântano.

Tenho a ilusão de que posso
conquistar os astros
com as minhas mãos sujas de sangue.
A ilusão de que preciso
nascido outra vez.
Começar tudo de novo.
Como se a infância não tivesse existido.

BANQUETE

A vida não é um banquete
onde você se embriaga
de solidão e lêvedo.
A vida é um caminho que se bifurca
no corpo e na alma. Mergulho
no abismo de tudo e de nada.

A vida é um pássaro trespassado
pela flecha da nuvem.
Uma reminiscência de cristal
um raio de sol dentro de tua retina.
A vida é um pacto de sangue
que o homem celebra com a própria sombra.

PARÁBOLA DE SANGUE

Os caminhos estão cheios de homens
que perderam a memória da luz.
A treva está concosco e espreita
a sombra que pede passagem.
O vulto do soldado nos ameaça
com seu fuzil metafórico.
No limiar da alba os pássaros
semeiam parábolas de sangue.
Enquanto os mortos dançam na catedral
os pobres vão juntando pérolas
para o seu colar de piolhos.

SEI QUE EXISTO

Só sei que existo porque
o vento roça por mim
e a nuvem com seu odor
de rosa metafísica.

Só sei que existo porque
um rio é minha foz
e o mar sangra aos meus pés
serpente mitológica.

Só sei que existo
porque a minha sombra
de ave cínica arde
na fogueira dos espelhos.

Só sei que existo
porque o amor me celebra
com todas as cordas
de sua tenebrosa harpa.

PECADO E ÊXTASE

Este armário me traz de volta
o aroma duns vestidos
me traz de volta o espanto
de um seio que o vento desnudou.

Me traz de volta o devaneio
e a rendição da carne
me traz de volta o cântico
do cio nos olhos da moça.

Me traz de volta a fulgurante
messe da lascívia
me traz de volta o desejo
que se consumiu, toco de vela.

Me traz de volta o demônio
da utopia impossível
me traz de volta as insígnias
e os vértices da nudez.

OS FILHOS DO HÚMUS

Os filhos do húmus descendem
da estirpe da água
cavam seus próprios túmulos.
Andam de rastos na areia
cavalgam um alazão atômico.
Mudaram as pulsações da aurora
e o rumo da bússola.
Os filhos do húmus
assassinaram o imperador dos hunos.

VELHOS ARMÁRIOS

De vez em quando
os velhos armários
voltam a ser árvores.

Os passos do morto
de regresso à memória
dos velhos armários.

Os velhos armários
rangem com o vento
ó solidão dos quartos.

Bruscos sobressaltos
sacodem o esqueleto
dos velhos armários.

Clamor de estalos.
Passa um calafrio
nos velhos armários.

Os mortos e seus cavalos
passeiam sobre o enigma
dos velhos armários.

Madrugada alta.
Os velhos armários
voltam a ter alma.

OLHOS ADIVINHOS

Procuro os teus olhos adivinhos
por estas ruas de palpitações soterradas.
Os cães já não ladram
ao nume das trevas.
Portal da imensidade
sílaba de luz intacta
pássaro atônito à espera do temporal
ó amada crivada de luas.
Escuto o rumor dessa onda
ancorada em teu seio.
Submerso em teu ventre
desço às profundezas do mar eterno.

HIENA FOTOGÊNICA

Meu rosto tatuado de espantos
para repelir a mentira
codificada em letras garrafais.
Minha voz estrangulada
pelas garras da hiena fotogênica.
Suicidas arrancam os olhos
para enfeitar o seu colar de cólera.
Reis barbudos com seus vassalos
se divertem num banquete de algarismos.
Meu ódio te pastoreia
fulgor crepuscular da mentira.

OS SAPATOS

De minha janela contemplo a curva esvoaçante dos dias.
Esta fala ancestral a escorrer de mim como um rio.
Meus sapatos são bússolas destroçadas
cujo magnetismo aponta para as latitudes da noite.

Dentro de mim as árvores permanecem verdes.
Borboletas de assomos azuis dardejam ao redor do mito.
Longe daqui são léguas de orvalho e a volúpia dos rios
o orgasmo do céu e a penugem dourada dos mortos.

A infância é apenas um grito estrangulado na garganta
um grito desfraldado aos ventos do equinócio.
A infância é apenas uma nódoa no ladrilho.
O salitre da infância corroe todos os meus sonhos.

A CEIA

Fomos expulsos da ceia
pelos lacaios do mágico.
Seremos brutalizados
num carrossel de algarismos.

Vais morrer de solidão.
Vomitar as entranhas
para os cachorros. Vais
apodrecer ao desdém das moscas.

Vais esquecer as amadas
entediadas de êxtase.
Arder aos caprichos
da hiena fotogênica.

CANÇÃO PARA UMA SOMBRA

O homem é uma sombra que parte
sem saber se volta.

As idéias flutuam na cabeça
mas o peito é uma ferida aberta
que sangra para sempre.

Palavra que se engendra no peito
e na memória. Reminiscência
dos passos da infância
que se repetem para sempre.

Chama que se contorce ao vento
e logo se desfaz.

Alegoria de estrela que mergulha
no abismo. Para sempre.

OS FILHOS DA TERRA

Os filhos da terra
terão de suar sangue e fogo
se quiserem pão.

Terão de repartir
corpo e alma se quiserem
ganhar o reino do céu.

Terão de passar pelo fundo
da agulha e de resistir
ao príncipe do inferno.

Terão de semear
a terra de Caim e de lavrar
as messes da solidão.

OPUS 57

Um piano toca Beethoven.
Meu coração é a ribalta de um país sem fronteiras.
Um piano recria o universo
sob a batuta de Deus.
O vento fustiga o gênio dos bosques
a noite dos faunos relampeja.
O perfil retorcido dos mortos se compraz
e um deus me sonha outra vez.
Um piano toca Beethoven.
Toca o meu coração. As cordas mais sutis
da minha humanidade cúmplice.
Aos acordes da Appassionata começa o Juízo Final.
Um piano pulveriza o universo
sob a batuta de Deus.

ELEGIA DO POÇO

No âmago do poço
negras retinas da água
fitam o assombro do homem.

O olhar vazio da lua
dissipada pelo vento
remorso no âmago do poço.

Grito submerso do afogado
era infância esvaída
dentro do poço.

Sombra de Caim
negras retinas da água
alma do poço.

ANIVERSÁRIO

Não vou celebrar
as vísceras do mito
o pudim escorrendo
do nariz do morto.
Não vou celebrar
a cauda do cometa de Halley
as migalhas podres
da ceia do apocalipse.
Não vou celebrar
os funerais da memória
artefatos bélicos
sujos de sangue e pólvora.
Celebrar o quê?
Se o arcano está morto
se há dor e ferrugem
nos gonzos das portas?
Celebrar o quê?
Se, bicho metafísico
o mistério se hospeda
em teu corpo de tísico?

CÂNTICO DA TERRA

Preciso da terra para abrir caminhos
acender o fogo e plantar minha voz.
Preciso da terra para mover o arado
como se movesse a máquina da alma.
Preciso da terra como o tecelão
precisa da roca para tecer a nuvem.
Preciso da terra molhada de chuva
com seu pêlo macio de fera domesticada.
Preciso da terra para marcar com sangue
o lugar da pedra e o lugar do homem.
Preciso da terra como o pescador
precisa do anzol da sua cólera.
Preciso da terra para viver em cio
e escrever um cântico de raiz e húmus.

RECEITA ECOLÓGICA

Plante uma árvore no seu quintal
um pouco de adubo não lhe fará mal.
Um pouco de sol, um pouco de sal
um pouco de afeto, um pouco de água.
Uma árvore envelhece no seu pedestal?
Um pouco de utopia é fundamental.
Um pouco de chuva, um pouco de terral
e a árvore renasce do tronco ancestral.
Plante uma árvore com zelo tal
para que desabrochem flores de cristal.
Na pedra ou na escória, na argila ou na cal
uma árvore afugenta o espírito do mal.
Pelo céu e a terra, pelo Santo Graal
plante uma árvore no seu quintal.

NOTURNO ALEGÓRICO

O uivo do vento sob a chuva fina
era um cão ladrando à própria sina.

Estrelas ardem no céu em pânico
as ondas entoam o seu negro cântico.

Um bêbado engole a chama do cigarro
a lua espeta o seio nas rosas do jarro.

Um raio atravessa a claridade pouca.
Fino como o grito soturno de uma louca.

POMBA DA PAZ

Em que dinastia
fundada no fogo
ardeu esse pássaro?
Que flecha de sangue
arrancou as plumas
dessa metáfora?
Quem juntou os pedaços
do corpo metafísico
da pomba de pólvora?
A pomba da paz
fez o seu ninho
numa ogiva atômica?
A pomba paralítica
pousou no pórtico
podre do Pentágono?

POEMA CAUSAL

As árvores crescem
a semente germina
as pedras reverdecem
por causa do homem?
As rosas desabroçam
os córregos cantam
se faz neve ou faz frio
é por causa do homem?
As estrelas arrulham
as constelações ardem
os pássaros emigram
por causa do homem?
A chuva devaneia
os campos amadurecem
as vacas ruminam
por causa do homem?
Os peixes gravitam
em órbitas de fogo
os trigais tocam harpa
por causa do homem?
O seio se inflama
o ventre se oferta
o pêssago se parte
por causa do homem?
Os ventos repicam
as andorinhas cravam
seu punhal na lua
por causa do homem?

BALADA PARA CHICO MENDES

Chico Mendes volta à infância
no giro de um carrossel.
Em cada curva da estrada
sete mortes de aluguel.

Pergunte ao reino dos peixes
e às feras pelo massacre.
Pergunte por Chico Mendes
pastor dos rios do Acre.

Pastor da terra e da água
pastor da chuva e do vento
Chico Mendes dorme agora
com seu defunto ao relento.

Chico escreve o seu poema
sem precisar de papel.
Em cada esquina da vida
sete mortes de aluguel.

Matam Chico, mas não matam
os seus olhos pastorais.
Olhos que zombam da morte
de um jeito que ninguém faz.

Matam Chico, mas as mãos
nenhum raio as aniquila.
Mãos que semeiam palavras
de esperança, vento e argila.

Nasce do corpo da selva
um rio de leite e mel.
Atrás da rosa se escondem
sete mortes de aluguel.

Matam Chico de emboscada
mas não matam a sua voz
que os rios hão-de levar
da nascente para a foz.

Escopeta de assassino
bala de grosso calibre
não vão calar a verdade
de quem nasceu pra ser livre.

Chico ensina que a floresta
não é mulher de bordel
nem deve ser mutilada
por bandidos de aluguel.

Sete vezes matem Chico
mas seu cântico de paz
ficará nos redimindo
de um jeito que ninguém faz.

Quando a selva abrir os olhos
e despertar seus duendes
voltarão a germinar
os sonhos de Chico Mendes.

ROSA E PEDRA

Vi uma rosa nascer da pedra
beleza ardente
como a de um ser soprado pela boca de um deus.
Vi uma rosa nascer da pedra
espada fundida
pelo fogo de todas as hierarquias do céu.
Vi uma rosa nascer da pedra
pisada pela multidão.
Uma rosa irrigada pelo sangue da síntese.

CANÇÃO PARA LEMBRAR HIROXIMA

As rosas arderam naquela manhã
arderam as nuvens, seus moldes de barro.
O dragão em chamas veio vindo do céu.
As rosas arderam naquela manhã.
Alba de espanto e sangue cobriu a terra.
Naquela manhã as rosas arderam.
Os ventos arderam, ardeu o mistério.
As pedras arderam naquela manhã.
Ardeu o arco-íris, as moças arderam
ardeu o silêncio naquela manhã.
Os sinos arderam nas torres de cal
ardeu a esperança, memória de Deus.
As aves arderam, as penas de pólvora
arderam os anjos, seus moldes de barro.

SE EU FOSSE PARA A ILHA

Não levaria filósofos
nem poetas nem tratados
sobre a alma ou sobre a esfera.
Não levaria endereços
de hipotéticas namoradas
nem votos inconfessáveis.
Não levaria remorsos
nem desejos impossíveis
nem expectativas patéticas.
Não levaria láudano
para iludir os sentidos
nem ópio para o ócio.
Só levaria a memória
do mar acorrentado
à âncora do teu seio.

CÂNTICO DA ILHA

Caminho para o teu corpo
ilha pacificada.
Teu corpo para sempre esquecido
numa urna de conchas.
Caminho resoluto para o teu corpo
catedral do cio.
Vou arder às chamas de tua nudez
espuma do mar selvagem
fustigado pelos temporais.
Vou arder ao desvario de tuas retinas
ensolaradas, hipocampos
de galopar macio.
Vou mergulhar no abismo dos teus olhos
profundos como as noites terrestres.
Vou ao encontro do manancial
de fogo dos teus cabelos.
Vou ancorar na curva esbelta de tua
nádega. Ilha pacificada.

CONJUGAÇÃO DA ROSA

Rosa no centro da sala
rosa crivada de balas
rosa de sangue e de areia
se esvaindo pelas salas.

Rosa exposta na lapela
rosa partida no meio
rosa suspensa do caos
rosa esculpida no seio.

Rosa intacta da esperança
rosa achada pelas mãos
rosa espetada na lança
do gelado uivo dos cães.

Rosa de cabeça erguida
coroadada de vagalumes.
Rosa do tempo acendida
pelos olhos dos cardumes.

UTOPIA

Teus sonhos, teus devaneios
teus propósitos de solidariedade universal
teus versos, teus vértices
teu incorruptível comportamento burguês
tua cordialidade burocrática
teu sonoro romantismo tribal
—tudo não passou de uma utopia
de uma ilusão banal.

És agora uma sombra que teima em se iludir
com as palavras.
Mas as palavras te afastam das coisas reais
dos objetos, das vozes antepassadas
do teu rosto cósmico.

Teus sapatos imóveis precisam recordar
redescobrir as latitudes do sonho
os caminhos por onde sangram
diásporas de infância e esquecimento.
Teus sapatos precisam partir
nem que seja para a irrisão mais próxima.

CAMINHADA

Esta é a caminhada do homem.
O abismo gera outros abismos. O vento
nos dispersa entre podridões e gafanhotos.
O destino nos aprisiona numa teia de órbitas.
A pedra marca o limite do silêncio.
A pedra exercita o seu pendor de eternidade.
Homem e pedra juntos no umbral do tempo
não são todavia coisas limítrofes.

Esta é a caminhada do homem.
Uma sombra e outra sombra de permeio.
O espanto e a parábola trespassando
a intimidade da carne.

Tudo se reduz a um punhado de cinzas reverentes.
A um desejo que se consome devagarinho.
A uma vela que se apaga
quando outro crepúsculo recomeça.

SIMULACRO DE POEMA

A cada instante o acaso pode revelar-te
o seu lado obscuro ou sua face mítica.
A cada instante nossas fantasias mudam de aparência
e o espírito muda de rumo.
Em certo momento todas as mitologias perdem
algo de sua inocência primitiva.
A cada momento somos levados a renegar a imagem
que devaneia dentro do espelho.
Em dado momento a nuvem que desenha parábolas
no céu é a sombra patética de um dragão.
Há um momento em que os mortos te decifram.
Em dado instante a imensidade se cala
para escutar o silêncio das esferas.
Chega um momento em que somos o derradeiro
cântico da vertente.

ÁRVORE

Uma árvore e seu poderio secreto
não cabem num soneto.
Uma árvore explode em cintilações
metálicas de ode.
Explode para cima em pedaços de estrofe
e estilhaços de rima.
Uma árvore abre braços ao relento
para embalar o vento.
E cresce no tempo o espírito que sopra
na verde copa.

MONÓLOGO DA TERRA

Sou uma esfera solta no espaço
um grão de areia perdido entre as constelações.
De minha órbita contemplo a hierarquia
dos anjos, das galáxias e das estrelas.
Sou humilde igual à erva dos campos.
Nas entranhas do meu corpo escuro se agasalham
protozoários, homens e paquidermes.
Os rios são veias que me irrigam
as estações passam incessantemente por mim
e me enfeitam de grinaldas e zumbidos.

MONÓLOGO DA ÁGUA

Sou vinho dos homens e néctar dos deuses.
Minhas retinas de cristal incendeiam
os olhos da infância e as pálpebras do amor.
Os amantes me acariciam, ungem seus corpos
com a sedução de meus bálsamos.
Príncipes e plebeus dependem de mim..
Deuses e heróis me celebram nos versos
de Homero e nas odes de Anacreonte.
Quando passo pelos campos
pulsa mais forte o coração das messes e das vinhas.
Sou a que aplacou a sede dos profetas
que semearam a palavra no deserto.

MONÓLOGO DO VENTO

Sou o hálito de Deus, palpitação
do espírito que rege as mutações do universo.
Sou alma da matéria e molde do incriado.
Carrego o ouro das messes e o pólen das estações
o balir das águas e das ovelhas
o rumor das formigas e dos elementos.
Sou o eixo magnético do tempo
circunvago ao redor dos dias e das noites
subo às culminâncias do céu
deço às profundezas do mar.
Meus dedos tocam a música dos cristais
nos palácios dos reis e no catre dos mendigos.

MONÓLOGO DO FOGO

Os belos sonhos e as doces utopias
as lendas, os mitos, os heróis
as gerações de homens, insetos e animais
—tudo se curva ao meu império.
Em cinzas converto o ferro e o mármore
a pedra, a flor, deuses e catedrais.
Reinei sobre o incêndio de Tróia
e quando a nobre Roma ardeu sob o alaúde
do filho de Domício e de Agripina.
Todos os que me tocam são embriagados
pela claridade da minha vertigem.
Sou o fogo do inferno e o fogo do purgatório.
Os sete degraus da escada do paraíso.

CÂNTICO PARA UMA NOITE DE TEMPORAL

A noite escancara os seus portais diante de mim
e o vento fustiga as barbas de meu avô alegórico.
Estes esteios alumiados pelo zodíaco
sustentaram sete dinastias de solidão e pecado.

Grande chuva veio do nascente, soterrou em lodo e limo
a placenta de ouro e húmus da madre ancestral.
A noite escancara os seus portais de bronze
e me oferta suas cidadelas de tempestade e areia.

Sinto-me vulnerável em face desta noite
e me atiro para ela como um náufrago.
Sete vezes me imolarei às hierarquias do remorso
antes que me apeteças, alfanje de pedrarias.

Esta noite me tem prisioneiro de sua volúpia de loba.
Mergulho nas águas barrentas do rio mitológico
e volto à intimidade do grande pântano
onde latejam as entranhas mutiladas da criação.

Esta noite me tem seduzido com o despudor
de uma fêmea que despedaça o cristal do orgasmo.
Um deus tempestuoso rasteja nos telhados
e fustiga as barbas de meu avô alegórico.

Os campos alagados celebram a ressurreição dos mortos
a música das rãs sacode a alma dos pântanos.
As cabras e as ovelhas não balirão quando os galos
degolados investirem contra as dinastias da alba.

Os cavalos não dormirão nos estábulos, nem suas crinas
semearão o esperma do orvalho pelos caminhos.
As aves de rapina serão dilaceradas no céu
pelo fulgor da revoada nupcial das abelhas.

Esta noite os pobres gererão em seus tugúrios
de areia e o vento os fustigará como navalha.
Esta noite se ouvirá o cântico dos corpos saciados
subindo a escada da misericórdia de Deus.

FILOSOFIA DE TERÊNCIO

Casada na igreja e no cartório,
diziam que era mulher de acrisoladas virtudes.
Dirigia a Sociedade das Mulheres Honestas
da paróquia, onde, aos domingos, tocava
divinamente o órgão. Mas um dia tomou
uma carraspana e fez amor com o substituto
do palhaço de um circo mambembe que
acabava de chegar ao povoado.

PODER

O Poder é um vício do homem.
Ninguém escapa da teia do Poder.
Ou nos entregamos ao poder econômico
ou nos enredamos com o poder político
ou sucumbimos ao poder erótico.

TERCEIRO MUNDO

A tarde se escoia entre folhas e pombas.
Rumor de asas gravita ao redor
das árvores e dos sinos.
Bêbados regressam para casa
levando solidão para os meninos.

A BICICLETA

Sempre sonhou com uma bicicleta
de aros e raios de cristal
tão veloz quanto o velocino da lenda.
Mas no dia em que o pai lhe comprou
uma bicicleta a prestação,
verificou que o sonho não passava
de um pesadelo de plástico.

ANATOMIA DA CASA

a casa e sua engrenagem de vento e areia
a casa com suas portas de cedro clamando à alba
a casa cravada dentro do mundo como um punhal
a casa boiando nos seus esteios de sombra e lua
a casa fugindo para longe do homem e do seu dono
a casa e o morto, a rosa e o ícone no santuário
a casa exposta, a casa em festa, a casa em cio
a casa acesa, a casa em treva, a casa em pânico
a casa inteira ruma a alma enquanto dormes
a casa caiada, feita de pedra e sangue e argamassa
a casa do homem, a casa da grei, a casa da lei
a casa antiga nos guiando com a sua bússola
a casa do pobre, a casa do rico, a casa insolúvel
a casa e o muro que a separa do homem.

MUNDO DOS OUTROS

O mundo dos outros é um mundo à parte
ignoro o que se passa no mundo dos outros
não sei que magnetismo governa a bússola dos outros
não sei em que abismo naufraga a esperança dos outros.
Sequer adivinho o matiz da pele dos outros
quanto mais a fantasia esculpida na alma dos outros.
Não sei em que esfera gravita o espírito dos outros
e em que direção se move a liberdade dos outros.
Ignoro a diferença que me separa dos outros
o devaneio que me aproxima dos outros
a solidão que me torna cúmplice da infância dos outros.
Nada sei do inferno que é o remorso dos outros
nada sei do purgatório que é a memória dos outros.
Não sei a verdade nem a mentira dos outros
não sei a claridade nem a escuridão dos outros
não sei do que vive a utopia dos outros
não sei de que morre a misericórdia dos outros.
Só sei de mim que nada sei dos outros.

TUDO É FALÍVEL

Meu rosto, este vaso de mármore e os olhos
de ouro da alba são coisas tristemente perecíveis.

A face do homem desfigurada pela morte
vai repousar no seio da pedra.

Nada é infalível porque herdamos este corpo
de areia e sonhamos todas as noites
com palácios irreais e princesas irreais.

Nada é infalível : os heróis com suas espadas
de têmpera imortal e o satélite do amor
girando em sua órbita azul.

Nada é infalível neste bailado cósmico
onde o homem conta os seus dias
e vê passar freneticamente o carrossel das estações
indiferente ao seu destino e à sua memória
às suas súplicas e às suas provações.

Nada é infalível neste mundo.

Nem mesmo o desígnio dos reis ou o salto do tigre
cercado de mitologias e de fulgor.

POEMA ASSIMÉTRICO

A mentira segue o seu curso.
O vento antecipa os eventos.
Almoçamos e jantamos mitologias.
Morremos entre espadas e algarismos.
Descendemos de deuses sorumbáticos
que se embriagavam de ópio e de lêvedo.
Em nosso ventre ardem cicatrizes
do primeiro pecado e do primeiro remorso.
A terra prometida é uma utopia das leis.
Não haverá memória nem olvido
quando todos tiverem sucumbido.
O poder trapaceia os nossos hábitos.
A sutil falácia segue o seu curso
cravando em nós os seus caninos de urso.

IMENSIDADE

Ouço aqui o látigo
da noite veloz.
Aqui semeio
as mãos dissipadas.
Aqui adormeço
entre búzios e conchas.
Aqui me ilumino
de interminável solidão.

TRAMA

Todos os dias me reparto
em pequenos devaneios.
Todos os dias sigo os passos
da multidão veloz.
Todos os dias me ofereço
para ressuscitar publicamente.
Todos os dias me ponho
a urdir a trama das palavras.
Todos os dias me evaporo
aos ventos da solidão.
Todos os dias bebo noz-vômica
com medo da bomba atômica.

CANTIGA DO BOTO

o boto anda de bota
o boto estuda botânica
o boto em botão
o boto boceja no bulevar
o boto bota flor
o boto bolina a bólide
o boto não desbota
o boto é alfa e beta
o boto ao leme do bote
o boto é um broto.

POEMA AOS GRITOS

De que fogo se alimenta o nosso clamor?
De que lava se caldeia a nossa palavra?
De que mormaço se ilumina a nossa ira?
De que uivo se despedaça o nosso grito?
Com que punhal se dilacera o nosso adeus?
Em que país do olvido devaneia a alma?
De que solidão se engendra o nosso corpo?
De que trigo de amor se morre à míngua?

EPITÁFIO À PROCURA DUM HOMEM

Onde mora o homem
floresce alguma sombra
onde morre o homem
passeia o vento insone
onde ara o homem
respira-se o odor da fome
onde ora o homem
ninguém lhe responde
onde era o homem
não há sinal do seu nome.

NUDEZ

De que remorso se veste
o corpo que se despe?
Que nudez é esta
a do corpo sem veste?
A alma estremece
quando o corpo se despe?
A nudez é a veste
do corpo que se despe?
Há mais pura veste
que a da estrela Vésper?

RESSURREIÇÃO

Desisto dos prazeres da utopia
desisto de minhas convicções burguesas
e da sobremesa dietética.
Desisto de sonhar que sou real
de escrever poemas em laudas de areia
desisto até mesmo do amor.
Desisto dos devaneios eróticos
desisto das reminiscências pornográficas
e de minerar o ouro da prótese.
Desisto do sorvete de pêssego
da mentirosa cordialidade burocrática
desisto dos pêsames.
Desisto das soluções do mundo capitalista
do apelo de todas as mitologias
desisto da neurose atômica.
Desisto do barbitúrico para dormir
da taça de cristal para brindar
desisto do veneno para morrer.
Desisto de invocar o anjo à hora de dormir
de lutar contra a mesmice da rotina
e do caldo de galinha à hora da morte.

ROSTO

O rosto da multidão foi decapitado pelo vento.
Procuro o rosto da multidão
mas está soterrado num cemitério de signos.
O rosto da multidão é como um pássaro
enlouquecido que veio das trevas.
O rosto da multidão é esse hálito disperso
no anonimato das ruas, na poeira
das estradas, na vertigem do metrô
e na clamorosa neutralidade dos arranha-céus.

Procuro o rosto dilacerado da multidão
mas não o encontro nos labirintos da metrópole
nem nos bares nem nas catedrais
nem nos parques semeados de carrosséis
nem nos logradouros públicos
nem nos subterrâneos onde as prostitutas
confabulam com os anjos
nem nos lugares mais íntimos das casas
nem nos espaços mais secretos
nem nas horas de amar e de morrer.
O rosto da multidão está dentro de mim.

CÂNTICO EPISTOLAR

Não vos iludais com a máscara do anjo
que porventura colocaram em vossas cabeças.
Não vos iludais com o arauto bêbado
que algum dia de vosso tempo e de vossa memória
vos encontrou nas encruzilhadas do remorso.
Não vos iludais com a transparência do sarcasmo.
Caim e seus ancestrais continuam proliferando
em vossas entranhas, em cada gota
de vosso sangue degenerado, em cada ruga
de vossa face marcada pela luxúria.

Não vos iludais com as ovações da alma
nem com as alucinações do vosso corpo.
Não vos iludais com a semântica dos gestos
que transformam celerados em heróis
déspotas e carrascos em mártires.
Não vos iludais com a grinalda de sortilégios
de que se enfeita a podridão humana.
Não vos iludais com a mentira esculpida
em palavras e metáforas de ouro.
Não vos iludais com as núpcias do coração
nem com as sonoridades do aplauso.

Não vos iludais com o riso das hienas
nem com a falácia dos semeadores
de ideologias. Não vos iludais com o vento
que sopra das praias do capitalismo.
Não vos iludais com as ambivalências do Pentágono
Não vos iludais com os pensamentos velozes
que incendeiam as sete abóbadas do céu.
Não vos iludais com os signos do Poder.
O leito da Plutocracia é um santuário de esterco
velado por chacais de olhos de mercúrio.

Não vos iludais com os apelos da carne
nem com os frutos serôdios nem com
as seduções temporãs. Não vos iludais
com o deus terrestre que carrega um pântano
no ventre. Não vos iludais com os mil disfarces
do amor e da inveja e do ódio
nem com a podridão cercada de iguarias
nem com as moscas e seus volteios fúnebres
nem com o fulgor da plumagem do abutre.
Não vos iludais com vossa arrogância
que aos poucos se evapora em fogo tumular.

Não vos iludais com as metáforas do espelho
nem com as transfigurações do relógio de areia
nem com o magnetismo dos antepassados
nem com as ressurreições da evanescente memória
nem com o ópio nas pupilas da serpente
nem com o fulgor dos olhos do paradoxo
nem com a leveza das âncoras do amor
nem com os sofismas da severidade teológica
nem com a sensualidade dos sete sentidos.
Não vos iludais com as efígies da morte.

Não vos iludais com o aparato do vazio
não vos iludais com a metafísica das essências
não vos iludais com a nuvem de cristal
que atravessa a eternidade como um búfalo veloz.
Nem com as transfigurações do simulacro
nem com o deus terrestre que carrega um pântano
no ventre. De lodo e escória são feitos
vosso corpo oscilante e vosso incerto destino.
Não vos iludais com a realeza do caos
nem com a majestade do abismo.
Nada restará do naufrágio das sensações.

Não vos iludais porque o tempo avança
celeremente para o limiar da noite.
Não vos iludais porque o amor é igual a um fruto
que apodrece no caule, e o seu veneno
semelhante a essas veias de ópio
nas retinas da serpente. Não vos iludais
porque o homem haverá de beber a borra
de sua taça de sarcasmo e podridão.
E de ressuscitar na quadragésima hora
quando os sinos da agonia cessarem para sempre.

O reino de Deus é uma selva de parábolas.
Mas não vos iludais com as pompas desse reino
rodeado de abismos e de estrelas
onde sombras vestidas de esplendor
erguem as fronteiras para o Sol eterno.
Ó hierarquia dos augustos seres
que o sol de sete raios ilumina
sobre as sete colinas do Sinai.
Eis o reino de Deus que vos espera
nas setenta moradas de meu Pai.

**Endereço para correspondência:
Francisco Carvalho
Reitoria da UFC - Benfica
60020 - Fortaleza - CE**